

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

JUNHO-JULHO 1956

N.º 117-118

Um estranho procedimento de guardar o Sábado é seguido por grande número de professores religiosos. Dizem eles que todos os dez mandamentos foram pregados na cruz. Mas, quase ao mesmo tempo somos informados de que evidentemente há certos princípios encontrados nas mandamentos que devem ser seguidos por todos os cristãos. Isso inclui os pensamentos de nove dos dez preceitos. Dizem que nove têm uma natureza especial mas o mandamento do Sábado, nada há de especial acerca dele. Se o observardes, estai-vos colocando debaixo do jugo da escravidão que foi desígnio de Deus que pessoa alguma, a não ser o antigo Israel observasse.

É válida a pretensão de que a guarda do Sábado é uma escravidão legalística? Será o Sábado do sétimo dia simplesmente um meio de tentar ganhar a salvação? Será um esforço de subornar Deus dando-lhe uma parte do nosso tempo? Ou há alguma coisa no Sábado que faça dele uma experiência espiritual na vida do verdadeiro cristão?

Os Adventistas do Sétimo Dia não vêem mais um jugo da escravidão na guarda do Sábado do que em se refrear de matar ou de cometer adultério. Pelo contrário, eles vêem nisso o ponto culminante da vida espiritual, o deleite do cristianismo e o sinal de submissão a Deus. Que há então para apoiar esta crença?

Memorial da Criação

No próprio fundamento de qualquer culto real a Deus encontra-se um claro reconhecimento de que Ele é o nosso Criador. Sem

A NATUREZA ESPIRITUAL DO MANDAMENTO DO SÁBADO

este facto Deus perderia a razão primária da nossa adoração. Mas o salmista declara que «pela palavra do Senhor foram feitos os céus», e por causa do Seu poder criador «temam-n'Os todos os moradores da Mundo». (Sal. 33:6, 8).. Estas palavras estão em estreita união com as do mandamento do Sábado, «Lembra-te do dia de Sábado ... Porque em seis dias criou Deus os Céus e a Terra». A lembrança deste acto é fundamental no culto a Deus e o sétimo dia recorda-nos este acto. Em que sentido é isto espiritual?

Tudo o que pertence à experiência religiosa é espiritual. Deus pede a nossa submissão porque Ele é o nosso Criador; por esta razão a lealdade para com Ele requer obediência. Esta obediência é uma experiência espiritual. Assim, a verdadeira observância do Sábado, reconhecendo o direito de nosso Pai sobre nós, em virtude do Seu poder criador é uma profunda experiência espiritual. De facto se a chamada guarda do Sábado não é uma experiência espiritual, também não é guarda do Sábado. A mera abstenção do trabalho secular no sétimo dia não constitui a observância do Sábado.

Um resultado perfeitamente natural de fracasso na observância do Sábado, corresponde ao esquecimento do facto de que Deus é nosso Criador. Grandes acontecimentos da história são muitas vezes comemorados e assim conservados em mente, pela celebração de fe-

POR T. H. JEMISEN

riados. Quantos se recordariam da data da assinatura da Declaração da Independência Americana se não fosse a celebração anual do 4 de Abril? Mesmo assim a maioria das pessoas falha no sentido profundo do significado desta ocasião. Mas, para o verdadeiro patriota a recordação anual é um incentivo para a sua memória e um estímulo para a sua devoção. Poucos recordarão por muito tempo coisas para que não é constantemente e por vários meios chamada a sua atenção.

Há uma grande razão para a generalização da aceitação da teoria da evolução. Quando Deus é esquecido como Criador, alguma espécie de explicação para as origens é dada. Excluído o elemento de um Criador pessoal, pouco haverá que dizer excepto que as forças e processos naturais de alguma maneira inexplicável tenham trazido à existência o que nós vemos em nosso redor. Isto, por sua vez, desvia a atenção de Deus como um Ser pessoal que está interessado em nós hoje e nos pode trazer benefícios e bênçãos. Mas aqueles que guardam o Sábado nunca podem esquecer Aquele que os criou e a sua responsabilidade para Com Ele.

Um dos mais expressivos comentários de Ellen G. White relati-

vos à natureza espiritual do Sábado é aquele no qual ela chama aquele dia «o elo dourado que une Deus e o Seu povo». *Testimonies*, vol. 6, pág. 351. Um elo une duas peças de um cinto, de uma cadeia ou algo semelhante. A fim de que as duas peças se unam pelo elo, devem juntar-se nele. Da mesma maneira o Sábado é um elo. Neste dia o Senhor pretende que o Seu povo se aproxime intimamente d'Ele. Quando nos encontramos com Deus e chegamos a conhecê-lo, é o Sábado que nos une a Ele.

Esta é a mensagem de Ezequiel 20:12: «E também lhes dei os Meus Sábados para que servissem de sinal entre Mim e eles: para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica». Quando empregamos o termo «santificado» ao dia de Sábado, isso denota um dia posto à parte para um uso sagrado e santo, um dia dedicado à adoração a Deus e Seu especial serviço. Quando «santificado» é aplicado a indivíduos que têm exactamente o mesmo sentido. Indica uma pessoa ou grupo posto à parte para um uso santo ou sagrado, pessoas dedicadas ao culto de Deus e consagradas ao Seu serviço especial. Quando juntamos os dois — o dia santificado e o povo santificado — temos o quadro de um dia peculiar para um povo peculiar.

Sinal de experiência espiritual

O Sábado é a pedra angular da experiência espiritual. «Para santificar o Sábado, os homens devem ser eles mesmos santos. Através da fé eles podem tornar-se participantes da justiça de Cristo.» *Desejado de Todas as Nações*, pág. 206. Este é o segredo real da observância do Sábado. Ninguém pode santificar o Sábado se não for santo. Deus pode dizer que espécie de pessoa somos pela maneira como observamos o Sábado. É em certo sentido como experimentar se há corrente eléctrica num fio. O electricista pega numa pequena lâmpada e toca no fio com ela.

Se a lâmpada dá luz, sabe que há corrente no fio. Essa lâmpada não é o fim com corrente eléctrica, da mesma maneira que a observância do Sábado não constitui toda a experiência espiritual, mas é uma indicação de que a corrente do Céu flui através da vida interior.

O Sábado é usado por Deus neste sentido especial como uma indicação da nossa prontidão em viver com Ele, um sinal da nossa existência posta à parte ou santificada. É uma indicação de que as nossas vidas se estão harmonizando com os Seus planos para nós. «Se desviare o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança de teu pai Jacob; porque a boca do Senhor o disse.» (Is. 58:13, 14). Se estas coisas são uma realidade na nossa experiência, somos a espécie de homens e mulheres em que o Senhor

coloca a Sua aprovação e em cujas fronteiras será colocado o selo do Deus vivo.

A verdadeira observância do Sábado é o apogeu da vida espiritual. Viver no resto da semana, pela imanente graça de Cristo, uma tal vida que no dia de Sábado a nossa adoração seja em «espírito, e verdade» é a experiência para a qual o Espírito de Deus nos convida constantemente e para a qual ele nos dará o poder.

Ninguém se salvará simplesmente porque parou o trabalho e esteve presente na igreja o sétimo dia da semana. Mas ninguém que teve a oportunidade de obter a espécie de experiência espiritual aqui descrita será salvo sem ter demonstrado a sua condição espiritual pela verdadeira observância do Sábado.

No dia peculiar para o povo peculiar encontra-se o traço de união entre a mente de Deus e as mentes do Seu povo. Neste vínculo encontra-se a libertação do cativo em relação ao Mundo e seu poder. Assim, em lugar de ser um sinal da escravidão legalística, o Sábado é a verdadeira indicação da liberdade em Cristo.

Quando Deus faz perguntas

ALGER FRANCIS JOHNS

Deus é a fonte de toda a verdadeira sabedoria e portanto é perfeitamente normal que os homens lhe dirijam perguntas. As Santas Escrituras acham-se cheias dessas perguntas feitas pelos homens a Deus, e as respostas que Ele lhes deu.

Uma das mais importantes interrogações foi emitida pelo carcereiro de Filipos, que perguntou a Paulo e Silas: «Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?» A resposta dada nessa ocasião, foi: «Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo». Actos 16:30 e 31.

Surgem perguntas também em virtude da ansiedade de saber o que é recto. O profeta Habacuc manifestou essas espécie de ansie-

dade. Encontramos isso em Habacuc: 2 e 3: «Até quando, Senhor, clamarei eu e tu não me escutarás? gritarei: Violência! e não salvarás? Por que razão me fazes ver a iniquidade, e ver a vexação? porque a destruição e a violência estão diante de mim; há também quem suscite a contenda e o litígio.»

O profeta viu iniquidade por todo o lado, temeu que o bem fosse extinguido pelo mal. Deus tinha admirável promessa para ele. Disse-lhe: O Senhor está no Seu santo templo: Cale-se diante d'Ele toda a terra.» Heb. 2:20. Assim hoje, quando vemos a guerra, o

sofrimento, o pecado, a doença e a morte encherem a terra, devemos crer que Deus está no Seu santo templo, velando sobre os negócios dos homens.

Sim, Deus tem respostas para as nossas interrogações. Mas que fazem os homens quando Deus lhes dirige perguntas? Consideremos algumas dessas perguntas dirigidas a Seus professos seguidores.

A primeira e mais importante interrogação a considerarmos, será: «Roubará o homem a Deus?» Mal. 3:8. Impressionante, não é? Roubará o homem a Deus? Bem, direis, estou familiarizado com essa pergunta. Talvez todos o estejamos. Tão familiares, que talvez ela perca o seu efeito sobre nós. Não pensamos realmente a seu respeito.

Qual a sua principal aplicação? Sabemos que esta diz respeito ao dízimo. Há-de qualquer bom adventista do sétimo dia roubar a Deus no dízimo? Sinceramente, penso que não. Confio de coração em que a maioria do povo de Deus deesja ser fiel a esse respeito.

Mas Deus faz essas perguntas de maneira muito mais esquadrihadora que isso. Leiamos Malaquias 3:8: «Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? nos dízimos e nas ofertas alçadas.»

No Velho Testamento, o Senhor exigia do Seu povo certas ofertas sacrificiais além do dízimo. O mesmo acontece hoje. Roubaremos a Deus nas ofertas? Fã-lo-ei eu? TU? Não seria um prazer dar-Lhe segundo as bênçãos que nos tem dado? A quem daremos o primeiro lugar, a Deus ou ao Mundo?

Intimamente relacionado com o dinheiro, acha-se o tempo. Há-de um homem roubar a Deus no tempo? Esta é uma pergunta que o Senhor nos faz, e que encerra muitos aspectos. Uma diz respeito ao Sábado e a seus limites. Empregaremos essas horas e minutos santos para nós mesmos? E ainda, roubará o homem a Deus no tempo da leitura espiritual e da oração?

Roubará o homem a Deus no

tempo designado para o culto de oração? Mas dizeis, há outras coisas de que se deve cuidar. Sim, talvez haja algumas outras tarefas mais importantes. Poderia haver outra coisa de maior importância, mas não há muitas nesse caso. Talvez um estudo bíblico que não pudesse ser dado noutra noite. Poderia haver um outro serviço assim, como o cuidado de um doente; mas deveis responder a essa pergunta por vós mesmos.

Roubará o homem a Deus em seu tempo para trabalho missionário? Não há substituto para trabalho pessoal por almas. Nenhum serviço de rotina feito ao Senhor substituirá a obra pessoal pelos pecadores perdidos.

Uma pergunta, é: «Por que estais dormindo?» S. Lucas 22:46. Jesus dirige esta pergunta à Sua Igreja nos últimos dias, da mesma maneira que o fez aos discípulos no Jardim do Getsêmane. Estais lembrados de que eles chegaram ali à hora crítica na vida e ministério do Salvador. E que fizeram eles no jardim? Dormiram. Como o nosso coração se tem comovido ao ler o relato de Cristo e Seu sacrifício por nós no Jardim do Getsêmane! E dizemos: «Oh, se tão somente eu estivesse ali, haveria dado ao Salvador uma palavra de conforto, de simpatia e auxílio. Não creio que dormisse como fizeram os discípulos.» Mas have-

ríamos procedido diversamente deles? Pensai. «Por que estais dormindo?»

E Cristo faz também a pergunta: «Quereis vós também retirar-vos? S. João 6:67. Quando vemos um dirigente cair em pecado, talvez fiquemos desanimados. Somos tentados a pensar que não há nada na igreja ou na religião que ele professa. O Senhor nos pergunta: «Quereis vós também retirar-vos?»

Perguntas há que Deus dirige aos que são Seus professos seguidores. Ele faz, porém, algumas outras aos que não fazem profissão de seguir-L'O. Aqui está uma delas, muito séria, que se encontra em I S. Pedro 4:18: «E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?» Creio que todo o crente concordará comigo em confirmar essa pergunta. «Se o justo apenas se salva!» Oh, como nós, em nossa fraqueza humana, compreendemos o perigo de nos desviar do Senhor, e como n'Ele devemos confiar! E mal nos podemos salvar. Que será dos que não aceitaram o convite evangélico? Que será dos que conheceram o amor de Deus e d'Ele se apartaram?

Consideramos algumas perguntas que têm que ver com o nosso bem-estar eterno. Queira Deus Lhe demos em todos os tempos uma resposta justa e aceitável.

O SIGNIFICADO ESPIRITUAL DA SANTA CEIA

Toda a cristandade celebra o serviço da comunhão de uma forma ou de outra. Alguns celebram-no todas as semanas; outros, menos vezes. Em teoria todos reconhecem a sua natureza espiritual e o seu valor, e consideram-no como um dos mais importantes exercícios da igreja. As igrejas adventistas do Sétimo Dia do mundo inteiro, seguem a prática de se unirem no serviço da comunhão quatro vezes por ano; por conseguinte referimo-nos a ele como um serviço trimestral.

Não nos são dadas na Bíblia instruções específicas acerca de quanto frequentemente devíamos participar neste serviço. Jesus disse: «Todas as vezes que partires este pão e beberes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha.» Cremos que a observância do rito cada três meses é suficientemente frequente para conservar o seu significado e as suas lições perante nós, mas não tão frequentemente que se torne uma rotina.

Qual é o significado espiritual deste serviço? Se esse significado

for esquecido ou não for compreendido, pouco ou nenhum valor tem para os participantes.

Assim como o Sábado serve para nos lembrar constantemente o poder criador de Deus, «a ordenação da Ceia do Senhor foi dada para comemorar a grande libertação operada em resultado da morte de Jesus. Até que Ele venha a segunda vez em poder e glória, há-de ser celebrada esta ordenação. É o meio pelo qual a Sua grande obra em nosso favor deve ser considerada viva na nossa memória.» *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 448.

O Lava-Pés

A fim de apreendermos plenamente as lições da Ceia do Senhor, devemos voltar ao incidente que a precedeu imediatamente no cenáculo. Nenhum dos discípulos tinha aproveitado a oportunidade de usar a água e a toalha que tinha sido provida para lavar os pés antes de começar o banquete pascoal. Em geral era o trabalho de um servo mas visto que nenhum estava presente um dos discípulos devia oferecer-se. Quando se tornou claro que eles não desejavam realizar esse dever, Jesus foi lavar-lhes os pés ensinando assim aos discípulos uma lição muito importante. O próprio Judas «comoveu-se intensamente com o impulso de confessar no mesmo instante e ali mesmo o seu pecado». *Id.*, pág. 483.

Por que assumiu Jesus o papel de um servo e lavou os pés aos discípulos? Porque se encontrava em causa uma purificação espiritual. Isso manifesta-se claramente na breve conversação entre Pedro e o seu Senhor. Quando chegou a vez de serem lavados os pés a Pedro, toda a sua alma se revoltou contra esta humilhação da parte do Salvador, e exclamou: «Tu nunca me lavarás os pés». Jesus respondeu solenemente: «Se Eu te não lavar os pés, não terás parte comigo.» Havia um significado mais profundo neste acto do que simplesmente o facto de que o Filho de Deus se estava humilhando,

abaixando-Se a lavar os pés de homens caídos. Jesus estava procurando mostrar-lhes que havia outra purificação mais alta da qual este acto era um símbolo.

Quando Pedro compreendeu algo do que Jesus queria dizer, pediu a Jesus para lavar-lhe também a cabeça e as mãos. Mas Jesus revelou o significado espiritual do Seu acto ao replicar: «Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.» Pedro e os seus companheiros necessitavam uma nova purificação do pecado. «O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso Jesus lavou ao lavar-lhes os pés.» *Idem*, pág. 484. Somente um — Judas — não ficou espiritualmente limpo depois de Jesus ter realizado este acto. O valor da lavagem dos pés é determinado pelo grau de transformação do coração.

Para a alma arrependida, ter os pés lavados como preparação para a Ceia do Senhor, é uma renovação do seu baptismo. Apresenta-se diante de Deus como se acabasse de ressurgir do sepultamento das águas para uma nova vida. Esta é a maneira como Deus conserva activo o espírito de alegria que enche a vida de um recém-vindo ao Salvador. Há uma convicção de pecados perdoados e um sentimento de união com o Pai.

Além disso, devia ser considerado um grande privilégio seguir nosso Senhor neste humilde serviço em relação aos outros crentes. É-nos dito: «Ao lavar os pés aos discípulos, Jesus deu prova de que estaria disposto a fazer qualquer serviço por mais humilde que fosse que os tornasse Seus co-herdeiros da fortuna eterna e do tesouro celeste. Os seus discípulos ao realizarem o mesmo rito, penhoram-se a si mesmos para servir de igual maneira os seus irmãos. Sempre que essa ordenança é devidamente celebrada, os filhos de Deus são levados a uma santa relação uns para com os outros, para se ajudar e beneficiar mutuamente.» *Idem*, pág. 487. «Se vós conheceis estas

coisas, bem aventurados sois se as fizerdes.»

Com coração limpo e cheio de gratidão deixamos o serviço preparatório e dirigimo-nos à mesa da comunhão, onde nos unimos aos nossos irmãos para comemorar a morte expiatória de Jesus Cristo e nos lembrar a Sua segunda vinda. O pão ázimo e o vinho não fermentado mostram a natureza incorruptível do Redentor, da qual os Seus seguidores são participantes. Esta não é altura para nos entristecermos pelo pecado ou recordarmos as nossas faltas. A ordenança preparatória, já nos levou a fazê-lo se participámos nela no verdadeiro espírito. Este deve ser um período de solene alegria — solenidade no pensamento do preço pago pela nossa redenção e alegria pelo que a redenção significa para nós.

É vital para a nossa experiência cristã que conservemos em mente o infinito sacrifício que Jesus fez em nosso favor. Assim, no serviço da comunhão vemos de novo o corpo geubrantado do Salvador pendente da cruz e o sangue escorrendo da Sua cabeça, das Suas mãos e dos Seus pés. Somos levados a exclamar com o centurião: «Verdadeiramente Este era o Filho de Deus» (Marc. 15:39) e a dizer com Paulo: «Mas longe esteja de mim gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.» (Gal. 6:14).

O Serviço da Comunhão deve ser observado «até que Ele venha». Cada vez que comemos o pão e bebemos o vinho, testificamos a nossa dependência de Cristo para prepararmos as nossas vidas para a Sua vinda.

Preparação necessária

Algumas vezes homens e mulheres tomam parte do serviço da comunhão com uma concepção bem pequena do seu significado espiritual. Se bem que cada pormenor do serviço deva ser cuidadosamente organizado e eficientemente levado a cabo, não deve tornar-se uma

MORDOMIA CRISTÃ

PENSAM muitos que, entregando o dízimo ao tesouro do Senhor, fizeram tudo que Deus deles exige. Vamos, porém, examinar se

simples forma. A preparação para apreciar o verdadeiro significado do rito é como a preparação para o Sábado. Não se pode fazer num momento. O Sábado deve conservar-se em nossas mentes durante toda a semana. Assim também o sacrifício de Jesus deve constantemente conservar-se em nossas mentes. «Até mesmo esta vida terrestre devemos à morte de Jesus. O pão que comemos, é o preço do Seu corpo quebrantado. A água que bebemos é comparada com o Seu derramado sangue. Nunca ninguém, seja santo ou pecador, toma o seu alimento diário que não seja nutrido pelo corpo e o sangue de Jesus. A cruz do Calvário acha-se estampada em cada pão. Reflecte-se em toda a fonte de água. Tudo isso ensinou Jesus ao indicar os emblemas do Seu grande sacrifício. A luz irradiada daquele serviço de comunhão no cenáculo, torna sagradas as provisões da nossa vida diária. A mesa familiar torna-se como a mesa do Senhor e cada refeição um sacramento.» *Idem*, pág. 493.

«Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai que vive Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim quem de Mim se alimenta, também viverá por Mim.» (João 6:56, 57).

«Esta escritura aplica-se em sentido especial à Santa Comunhão. Quando a fé contempla o grande sacrifício de nosso Senhor, a alma assimila a vida espiritual de Jesus. Essa alma receberá um vigor espiritual de cada comunhão. O serviço forma uma conexão pela qual o crente é ligado a Jesus, e assim ao Pai. Isso forma em sentido especial uma união entre os seres humanos dependentes, e Deus.» *Idem*, pág. 493.

T. H. J.

é assim mesmo. Diz-nos a Palavra de Deus em Lev. 27:30: «Todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores. SÃO DO SENHOR: santas são ao Senhor.» Esta passagem sózinha, mostra-nos que o dízimo pertence ao Senhor e não a nós. Ele

G. F. EBINGER

já lhe pertence, é propriedade Sua já antes de ser-Lhe entregue, e portanto, não é uma oferta que Lhe fazemos. Apenas restituímos ao Senhor aquilo que legitimamente Lhe pertence. Deus está permitindo que ele nos passe pelas mãos, a fim de nos provar e ver se somos honestos, se O amamos de facto e estamos livres da avareza, não nos apossando da propriedade alheia. Devolvendo ao Senhor o dízimo, nem por isso fizemos ainda a nossa parte, porquanto ele não é nosso, é santo ao Senhor. Além do dízimo devemos trazer ao Senhor as nossas ofertas voluntárias. Desejo chamar a vossa atenção para Mal. 3:8, que diz: «Roubará o homem de Deus? todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? nos dízimos e nas OFERTAS ALÇADAS.» A mesma ordem que exige o dízimo, inclui também as OFERTAS VOLUNTÁRIAS. Por estas nós demonstramos quanto amamos a obra de Deus. A nossa verdadeira gratidão para com Deus por tudo que por nós fez, demonstra-se na nossa liberalidade em relação à Sua obra, e no auxílio aos pobres.

A bênção de Deus desce tanto sobre as ofertas voluntárias, como sobre o dízimo. Escreve o apóstolo em 2 Cor. 9:5: «Portanto, tive por coisa necessária exortar estes irmãos, para que primeiro fossem ter convosco, e preparassem de antemão a vossa BÊNÇÃO, já antes anunciada, para que esteja pronta como bênção, e não como avareza. E digo isto: Que o que

semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. ... Para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus.»

«Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, e Ele lhe pagará o seu benefício.» Prov. 19:17.

Não existe no Mundo nenhuma empresa que tanto compense, banco nenhum que tão elevados juros nos pague, como o faz nosso Pai celestial. «Dai, e ser-vos-á dado; BOA medida, RECALCADA, SACUDIDA e TRANSBORDANDO, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.» S. Luc. 6:38. Deus não tem necessidade do nosso dinheiro, pois Lhe pertence a terra e tudo que nela há. Se Ele nos convida a trazer ofertas para a Sua obra, fá-lo pelo motivo de nos abençoar. Ninguém pode tirar, sem dar também. Dar é divino. Deus deu o melhor que possuía — Jesus, Seu amado Filho unigénito, a fim de que tivéssemos a vida eterna.

Em todos os casos devemos, porém, fazer a nossa parte antes de poder Deus cumprir a Sua promessa a nós. Diz também a Escritura que isso devemos fazer: «Guardai-vos de fazer a vossa esmola (oferta) diante dos homens, para serdes vistos por eles: aliás não tereis galardão junto do vosso Pai, que está nos Céus. ... Mas, quando tu deres esmola (oferta), não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola seja dada occultamente: e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente.» S. Mat. 6:1, 3, 4.

Ao Senhor devemos dar sempre o melhor, e não o pior. Salomão

for esquecido ou não for compreendido, pouco ou nenhum valor tem para os participantes.

Assim como o Sábado serve para nos lembrar constantemente o poder criador de Deus, «a ordenação da Ceia do Senhor foi dada para comemorar a grande libertação operada em resultado da morte de Jesus. Até que Ele venha a segunda vez em poder e glória, há-de ser celebrada esta ordenação. É o meio pelo qual a Sua grande obra em nosso favor deve ser considerada viva na nossa memória.» *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 448.

O Lava-Pés

A fim de apreendermos plenamente as lições da Ceia do Senhor, devemos voltar ao incidente que a precedeu imediatamente no cenáculo. Nenhum dos discípulos tinha aproveitado a oportunidade de usar a água e a toalha que tinha sido provida para lavar os pés antes de começar o banquete pascoal. Em geral era o trabalho de um servo mas visto que nenhum estava presente um dos discípulos devia oferecer-se. Quando se tornou claro que eles não desejavam realizar esse dever, Jesus foi lavar-lhes os pés ensinando assim aos discípulos uma lição muito importante. O próprio Judas «comoveu-se intensamente com o impulso de confessar no mesmo instante e ali mesmo o seu pecado». *Id.*, pág. 483.

Por que assumiu Jesus o papel de um servo e lavou os pés aos discípulos? Porque se encontrava em causa uma purificação espiritual. Isso manifesta-se claramente na breve conversação entre Pedro e o seu Senhor. Quando chegou a vez de serem lavados os pés a Pedro, toda a sua alma se revoltou contra esta humilhação da parte do Salvador, e exclamou: «Tu nunca me lavarás os pés». Jesus respondeu solenemente: «Se Eu te não lavar os pés, não terás parte comigo.» Havia um significado mais profundo neste acto do que simplesmente o facto de que o Filho de Deus se estava humilhando,

abaixando-Se a lavar os pés de homens caídos. Jesus estava procurando mostrar-lhes que havia outra purificação mais alta da qual este acto era um símbolo.

Quando Pedro compreendeu algo do que Jesus queria dizer, pediu a Jesus para lavar-lhe também a cabeça e as mãos. Mas Jesus revelou o significado espiritual do Seu acto ao replicar: «Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.» Pedro e os seus companheiros necessitavam uma nova purificação do pecado. «O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas tudo isso Jesus lavou ao lavar-lhes os pés.» *Idem*, pág. 484. Somente um — Judas — não ficou espiritualmente limpo depois de Jesus ter realizado este acto. O valor da lavagem dos pés é determinado pelo grau de transformação do coração.

Para a alma arrependida, ter os pés lavados como preparação para a Ceia do Senhor, é uma renovação do seu baptismo. Apresenta-se diante de Deus como se acabasse de ressurgir do sepultamento das águas para uma nova vida. Esta é a maneira como Deus conserva activo o espírito de alegria que enche a vida de um recém-vindo ao Salvador. Há uma convicção de pecados perdoados e um sentimento de união com o Pai.

Além disso, devia ser considerado um grande privilégio seguir nosso Senhor neste humilde serviço em relação aos outros crentes. É-nos dito: «Ao lavar os pés aos discípulos, Jesus deu prova de que estaria disposto a fazer qualquer serviço por mais humilde que fosse que os tornasse Seus co-herdeiros da fortuna eterna e do tesouro celeste. Os seus discípulos ao realizarem o mesmo rito, penhoraram-se a si mesmos para servir de igual maneira os seus irmãos. Sempre que essa ordenança é devidamente celebrada, os filhos de Deus são levados a uma santa relação uns para com os outros, para se ajudar e beneficiar mutuamente.» *Idem*, pág. 487. «Se vós conheceis estas

coisas, bem aventurados sois se as fizerdes.»

Com coração limpo e cheio de gratidão deixamos o serviço preparatório e dirigimo-nos à mesa da comunhão, onde nos unimos aos nossos irmãos para comemorar a morte expiatória de Jesus Cristo e nos lembrar a Sua segunda vinda. O pão ázimo e o vinho não fermentado mostram a natureza incorruptível do Redentor, da qual os Seus seguidores são participantes. Esta não é altura para nos entristecermos pelo pecado ou recordarmos as nossas faltas. A ordenança preparatória, já nos levou a fazê-lo se participámos nela no verdadeiro espírito. Este deve ser um período de solene alegria — solenidade no pensamento do preço pago pela nossa redenção e alegria pelo que a redenção significa para nós.

É vital para a nossa experiência cristã que conservemos em mente o infinito sacrifício que Jesus fez em nosso favor. Assim, no serviço da comunhão vemos de novo o corpo quebrantado do Salvador pendente da cruz e o sangue escorrendo da Sua cabeça, das Suas mãos e dos Seus pés. Somos levados a exclamar com o centurião: «Verdadeiramente Este era o Filho de Deus» (Marc. 15:39) e a dizer com Paulo: «Mas longe esteja de mim gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.» (Gal. 6:14).

O Serviço da Comunhão deve ser observado «até que Ele venha». Cada vez que comemos o pão e bebemos o vinho, testificamos a nossa dependência de Cristo para prepararmos as nossas vidas para a Sua vinda.

Preparação necessária

Algumas vezes homens e mulheres tomam parte do serviço da comunhão com uma concepção bem pequena do seu significado espiritual. Se bem que cada pormenor do serviço deva ser cuidadosamente organizado e eficientemente levado a cabo, não deve tornar-se uma

MORDOMIA CRISTÃ

PENSAM muitos que, entregando o dízimo ao tesouro do Senhor, fizeram tudo que Deus deles exige. Vamos, porém, examinar se

simples forma. A preparação para apreciar o verdadeiro significado do rito é como a preparação para o Sábado. Não se pode fazer num momento. O Sábado deve conservar-se em nossas mentes durante toda a semana. Assim também o sacrifício de Jesus deve constantemente conservar-se em nossas mentes. «Até mesmo esta vida terrestre devemos à morte de Jesus. O pão que comemos, é o preço do Seu corpo quebrantado. A água que bebemos é comparada com o Seu derramado sangue. Nunca ninguém, seja santo ou pecador, toma o seu alimento diário que não seja nutrido pelo corpo e o sangue de Jesus. A cruz do Calvário acha-se estampada em cada pão. Reflecte-se em toda a fonte de água. Tudo isso ensinou Jesus ao indicar os emblemas do Seu grande sacrifício. A luz irradiada daquele serviço de comunhão no cenáculo, torna sagradas as provisões da nossa vida diária. A mesa familiar torna-se como a mesa do Senhor e cada refeição um sacramento.» *Idem*, pág. 493.

«Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai que vive Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim quem de Mim se alimenta, também viverá por Mim.» (João 6:56, 57).

«Esta escritura aplica-se em sentido especial à Santa Comunhão. Quando a fé contempla o grande sacrifício de nosso Senhor, a alma assimila a vida espiritual de Jesus. Essa alma receberá um vigor espiritual de cada comunhão. O serviço forma uma conexão pela qual o crente é ligado a Jesus, e assim ao Pai. Isso forma em sentido especial uma união entre os seres humanos dependentes, e Deus.» *Idem*, pág. 493.

T. H. J.

é assim mesmo. Diz-nos a Palavra de Deus em Lev. 27:30: «Todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores. SÃO DO SENHOR: santas são ao Senhor.» Esta passagem sózinha, mostra-nos que o dízimo pertence ao Senhor e não a nós. Ele

G. F. EBINGER

já lhe pertence, é propriedade Sua já antes de ser-Lhe entregue, e portanto, não é uma oferta que Lhe fazemos. Apenas restituímos ao Senhor aquilo que legitimamente Lhe pertence. Deus está permitindo que ele nos passe pelas mãos, a fim de nos provar e ver se somos honestos, se O amamos de facto e estamos livres da avareza, não nos apossando da propriedade alheia. Devolvendo ao Senhor o dízimo, nem por isso fizemos ainda a nossa parte, porquanto ele não é nosso, é santo ao Senhor. Além do dízimo devemos trazer ao Senhor as nossas ofertas voluntárias. Desejo chamar a vossa atenção para Mal. 3:8, que diz: «Roubará o homem de Deus? todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? nos dízimos e nas OFERTAS ALÇADAS.» A mesma ordem que exige o dízimo, inclui também as OFERTAS VOLUNTÁRIAS. Por estas nós demonstramos quanto amamos a obra de Deus. A nossa verdadeira gratidão para com Deus por tudo que por nós fez, demonstra-se na nossa liberalidade em relação à Sua obra, e no auxílio aos pobres.

A bênção de Deus desce tanto sobre as ofertas voluntárias, como sobre o dízimo. Escreve o apóstolo em 2 Cor. 9:5: «Portanto, tive por coisa necessária exortar estes irmãos, para que primeiro fossem ter convosco, e preparassem de antemão a vossa BÊNÇÃO, já antes anunciada, para que esteja pronta como bênção, e não como avareza. E digo isto: Que o que

semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. ... Para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus.»

«Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, e Ele lhe pagará o seu benefício.» Prov. 19:17.

Não existe no Mundo nenhuma empresa que tanto compense, banco nenhum que tão elevados juros nos pague, como o faz nosso Pai celestial. «Dai, e ser-vos-á dado; BOA medida, RECALCADA, SACUDIDA e TRANSBORDANDO, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.» S. Luc. 6:38. Deus não tem necessidade do nosso dinheiro, pois Lhe pertence a terra e tudo que nela há. Se Ele nos convida a trazer ofertas para a Sua obra, fá-lo pelo motivo de nos abençoar. Ninguém pode tirar, sem dar também. Dar é divino. Deus deu o melhor que possuía — Jesus, Seu amado Filho unigénito, a fim de que tivéssemos a vida eterna.

Em todos os casos devemos, porém, fazer a nossa parte antes de poder Deus cumprir a Sua promessa a nós. Diz também a Escritura que isso devemos fazer: «Guardai-vos de fazer a vossa esmola (oferta) diante dos homens, para serdes vistos por eles: aliás não tereis galardão junto do vosso Pai, que está nos Céus. ... Mas, quando tu deres esmola (oferta), não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola seja dada occultamente: e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente.» S. Mat. 6:1, 3, 4.

Ao Senhor devemos dar sempre o melhor, e não o pior. Salomão

dade da Islândia ou num fundo determinado de bolsa de estudos da Universidade, a contribuição que deveria à Igreja.» (Art. 64).

Noruega: «A religião evangélica luterana permanece a religião oficial do Estado. Os habitantes que fazem a sua profissão são obrigados a criar nela os seus filhos.» (Art. 2). «O rei deverá sempre fazer profissão da religião evangélica luterana, mantê-la e protegê-la.» (Art. 4). «Mais de metade do número dos ministros deverá pertencer à religião oficial do Estado.» (Art. 12). (Cfr. os arts. 16 e 27).

Suécia: «O rei deverá sempre professar a pura doutrina evangélica, tal como foi adoptada e explicada pela confissão inalterada de Augsburgo e pela decisão do Sínodo de Upsala de 1593.» (Art. 2). «O rei... deverá tomar parecer e conselho de um Conselho de Estado, para o qual chamará e nomeará individualidades suecas de nascença, capazes, experimentadas, íntegras, de boa reputação e professando a pura doutrina evangélica.» (Art. 4). «Ninguém pode ser nomeado para as funções eclesiásticas, nem para qualquer emprego que comporte obrigação de dar instrução cristã ou de ensinar a teologia, se não fizer profissão da pura doutrina evangélica. Todos os outros empregos e funções, salvo a excepção indicada no art. 4 acerca dos membros do Conselho de Estado, podem ser desempenhados por adeptos de outras confissões cristãs, e mesmo da religião moisaica; todavia ninguém pode, se não pertencer à pura doutrina evangélica, participar, na qualidade de juiz ou de titular de uma função pública, na deliberação ou na decisão dos negócios relativos ao cuidado da religião, à instrução religiosa ou às nomeações no seio da igreja sueca.» (Art. 28; cfr. os arts. 29, 30, 87).

Costa Rica: «A religião católica, apostólica, romana é a do Estado, que contribui para a manter, sem todavia impedir o livre exercício de qualquer outro culto na República, com a condição de que esses cultos não sejam contrá-

rios à moral nem aos bons costumes.» (Art. 51).

Liechtenstein: «A igreja católica romana é a igreja nacional e goza como tal da protecção do Estado; às outras religiões são garantidas: a manifestação da sua confissão e a celebração do seu serviço religioso nos limites da moral e da ordem pública.» (Art. 37).

Paraguai: «A religião do Estado é a religião católica, apostólica, romana, devendo o chefe da igreja ser paraguaio; todavia o Congresso não pode proibir o livre exercício de nenhuma outra religião em todo o território da República.» (Art. 3).

Em todos estes casos, mesmo quando haja uma religião oficial, é dada ampla liberdade de existência e de expansão às outras confissões religiosas.

Há apenas dois países em que, havendo uma religião do Estado, se não concede liberdade de funcionamento normal às outras igrejas. São eles a Grécia e a Espanha.

Grécia: «A religião dominante na Grécia é a da Igreja ortodoxa oriental de Cristo. Qualquer outra religião conhecida é tolerada e as práticas de culto são exercidas livremente sob a protecção das leis. O proselitismo e qualquer outra intervenção contra a religião dominante são interditos.» (Art. 1).

Espanha: «A profissão e a prática da religião católica, que é a religião do Estado espanhol, gozará da protecção oficial. Ninguém será inquietado por motivo das suas crenças religiosas nem no exercício privado do seu culto. Nenhuma manifestação nem cerimónia exterior será permitida além das da religião católica.» (Art. 6, do *Fuero*). «O exercício dos direitos reconhecidos no presente *Fuero* não deverá prejudicar a unidade espiritual, nacional e social da Espanha.» (Art. 33). (1).



A prática exterior do culto e a liberdade de proselitismo, com excepção da Grécia e da Espanha, são garantidas às diferentes con-

fissões religiosas por todas as Constituições. Em geral, a única condição requerida é que essa prática não contrarie a ordem pública ou os bons costumes (2).

Em todos estes países as igrejas podem organizar-se livremente, de acordo com as leis gerais que regulam o direito de associação. Algumas Constituições referem-se, porém, a leis especiais destinadas a condicionar a organização das diferentes denominações religiosas.

Dinamarca: «A constituição da Igreja nacional será regulada por uma lei.» (Art. 73). «Tudo que respeita às associações religiosas dissidentes será regulado pela lei.» (Art. 76).

Finlândia: «A organização e a administração da Igreja evangélica luterana são reguladas pela lei dessa igreja. As outras comunidades religiosas existentes são regidas pelas estipulações que são ou serão estabelecidas a seu respeito. Novas comunidades religiosas poderão fundar-se de acordo com as disposições da lei.» (Parág. 83).

Itália: «As confissões religiosas que não sejam a confissão católica têm o direito de se organizar segundo os seus próprios estatutos, tanto que não se oponham à ordem jurídica italiana. Suas relações com o Estado são reguladas pela lei, sobre a base de acordos

(1) Há dois países — a Suécia e a Suíça — que, dando plena liberdade à Igreja Católica, pelas suas Constituições proíbem, como perigosos sob o ponto de vista político, os jesuítas. Suécia — «Os jesuítas não são tolerados.» (Art. 2). Suíça: «A ordem dos jesuítas e as sociedades que lhe são filiadas não podem ser recebidas em nenhuma parte da Suíça, e toda a acção na Igreja e na escola é interdita aos seus membros. Esta interdição pode estender-se também, por via de decreto federal, a outras ordens religiosas cuja acção seja perigosa para o Estado ou perturbe a paz entre as confissões.» (Art. 51).

(2) Merece ser adiantada a maneira como a Constituição italiana reconhece esse direito: «É reconhecido a todos o direito de professar livremente a sua fé religiosa sob qualquer forma que seja, individual ou comum, fazer propaganda da sua fé e exercer, em particular ou em público, o seu culto, tanto que não se trate de ritos contrários aos bons costumes.» (Art. 19).

com os representantes de cada uma dentre elas.» (Art. 8).

Liechtenstein: «A administração dos bens da Igreja nas paróquias será regida por uma lei especial; antes desta publicação deve-se procurar o acordo das autoridades religiosas.» (Art. 39).

Luxemburgo: «A intervenção do Estado na nomeação e instalação dos chefes dos cultos, o modo de nomeação e de revogação dos outros ministros dos cultos, a faculdade de uns e outros se corresponderem com os seus superiores e de publicarem os seus actos, assim como as relações da Igreja com o Estado, fazer o objecto de convenções a submeter-se à Câmara dos Deputados para as disposições que necessitem da sua intervenção.» (Art. 22).

Suíça: «Os cantões e a confederação podem tomar as medidas necessárias para a manutenção da ordem pública e da paz entre os membros das diversas comunidades religiosas, assim como contra os abusos das autoridades eclesiásticas sobre os direitos dos cidadãos e do Estado. As contestações de direito público ou de direito privado às quais dá lugar a criação de comunidades religiosas ou uma cisão de comunidades religiosas existentes, podem ser levadas por via de recurso perante as autoridades federais competentes. Não podem ser erigidos bispados no território suíço sem a aprovação da Confederação.» (Art. 50).

★

Além destes princípios básicos de ordem geral, algumas Constituições encerram matéria de carácter mais pormenorizado.

Assim, quanto às finanças, como já tivemos ocasião de observar incidentalmente, algumas igrejas são mantidas pelo Estado, como succede com a Dinamarca, a Islândia e outros países protestantes; ou com a Argentina, a Bolívia, a Espanha e outras nações católicas; ao passo que algumas Constituições, como as da Irlanda e de Honduras, estabelecem que o Estado não pode dotar religião ne-

nhuma. (Irlanda, art. 44; Honduras, art. 53).

Algumas Constituições, como as do Chile (Art. 10), Colombia (Art. 55) e Uruguai (Art. 5) declaram os templos como isentos do pagamento de impostos.

Nenhuma Constituição obriga os cidadãos a pagarem um imposto à sua própria igreja ou, muito menos, a uma igreja a que não pertençam. Há porém o caso interessante da Islândia, onde «aquele que não pertença à religião de Estado da Islândia, nem a nenhuma outra religião reconhecida, deve depositar na Universidade da Islândia ou num fundo determinado de bolsa de estudos da Universidade, a contribuição que deveria à Igreja.» (Art. 64).

Quanto à educação, não existe em Constituição alguma o ensino compulsório de determinada doutrina religiosa nas escolas. (1) No Brasil, «o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.» (Art. 168). Na Alemanha Ocidental, «as pessoas que têm o direito de educação dos filhos têm o direito de decidir se participarão da instrução religiosa. A instrução religiosa é matéria de ensino obrigatório nas escolas públicas, com excepção das diversas igrejas, sem prejuízo do direito de controle do Estado. Nenhum professor pode ser obrigado, contra a sua vontade, a dar a instrução religiosa.» Art. 7). Na Suíça, a pessoa que exerce a autoridade paterna ou tutelar tem o direito de dispor da educação religiosa dos filhos até à idade de 16 anos. (Art. 49). Na Irlanda, «a legislação sobre as subvenções às escolas não fará diferença entre as escolas que se encontram sob a direcção das diferentes denominações religiosas e não deverá trazer prejuízo ao direito para toda a criança frequentar uma escola subvencionada sem assistir à instrução religiosa dessa escola.» (Art. 44).

Acerca do serviço militar, existe uma cláusula curiosa na Constituição da Alemanha Ocidental: «Ninguém pode ser afecto ao serviço armado em tempo de guerra contra a sua consciência.» (Art. 4).

A propósito, cumpre-nos salientar que pela simples leitura das Constituições não podemos conhecer inteiramente o ponto de vista de cada país sobre os diferentes problemas. Com efeito, alguns incluem na Constituição o que outros reservam para leis especiais. A ausência de determinado assunto numa Constituição não implica, pois, necessariamente que não haja no respectivo país legislação adequada acerca do mesmo. Isto se passa, como é fácil de ver, no que respeita às finanças das diversas confissões religiosas, ao ensino e ao serviço militar, e outro tanto poderíamos dizer acerca do casamento, da assistência religiosa nos hospitais e prisões, dos cemitérios e de regimes adaptados a circunstâncias locais.

★

Do estudo que acabamos de fazer, podemos tirar as seguintes conclusões:

1. Em todos os países é garantida a cada habitante a liberdade de consciência e de culto privado da respectiva religião.

2. Em todos os países os crentes podem-se organizar em associações religiosas legalmente reconhecidas.

3. Em todos os países, exceptuando a Grécia e a Espanha, os crentes das diferentes confissões religiosas podem anunciar publicamente os seus cultos e fazer propaganda das suas doutrinas.

4. Com excepção dos dois países referidos, os privilégios concedidos a determinada igreja, protestante ou católica, deixam intactos os direitos e liberdades das minorias religiosas.

Ernesto Ferreira

(1) Apenas na Colômbia há uma fórmula que se aproxima dessa obrigatoriedade: «A instrução pública é organizada e dirigida segundo a religião católica.» (Art. 41).

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

O Curso da Rádio Postal abre novos territórios

Um obreiro e um leigo fizeram recentemente uma viagem a um território da Divisão da América Central que nunca tinha sido penetrado pela mensagem e viram que as lições do curso bíblico por correspondência tinha ido à sua frente.

Um grupo de 18 pessoas estava quase preparado para o baptismo e uma destas pessoas ofereceu-nos uma igreja para que a mensagem seja pregada naquele lugar. Todo este resultado foi devido ao nosso Curso Bíblico por Correspondência que foi o pioneiro da obra neste lugar virgem. — *Elmer R. Walde.*

Hospital de Dar es Salaam, Bagdade

Grandes progressos têm sido feitos no nosso hospital de Dar es Salaam, de Bagdade, no Iraque. Apesar desta instituição ser muito nova todos os seus leitos estão cheios e muitos tiveram de ser recusados por falta de espaço. No dispensário também tivemos de recusar várias pessoas por falta de equipamento clínico e pessoal.

O Hospital tem uma boa reputação segundo conta C. C. Crider, presidente da missão do Iraque, apesar dos problemas da falta de espaço e pessoal. É a melhor instituição médica do Iraque e é bem conhecida pelo seu bom serviço. A receita é satisfatória e pensa-se que poderá vir a ser suficiente para cobrir todas as despesas da unidade medical. — *Erwin E. Roenfelt.*

A Literatura alcança a Europa Central

A. Wicklein, secretário do Departamento das Publicações da Europa Central, dá-nos as animadoras notícias:

«O nosso alvo para 1955 era

entregar literatura no valor de 2,100,000 marcos, 15.225.000\$. Entregámos 2,181,223 marcos, ou seja 81,000 marcos acima do nosso alvo e tivemos um ganho de 326,000 marcos sobre o total de vendas em 1954.

«Foi este o maior relatório de vendas que tivemos da Alemanha, mesmo antes da guerra, quando a Alemanha se incluía no nosso relatório. Nunca antes conseguimos um milhão de marcos.

«Com a assistência dos nossos ministros, dos nossos livros evangélicos, ganhámos no ano passado 105 almas. Desde 1950, o nosso total de baptismos como resultado dos nossos livros evangélicos, chegou a 505.»

Regozijamo-nos com a Europa Central pelo resultado do trabalho dos seus livros evangélicos. Cremos que com a publicação dos sete volumes contendo toda a nossa mensagem, que estarão prontos ainda este ano, veremos ainda maior colheita de almas. — *B. E. Wagner.*

Notícias do Sião

Um donativo de cem mil dólares foi feito ao hospital de Bankok, no Sião, pelo governo, em memória do embaixador dos Estados Unidos, morto em um acidente de automóvel, e de seu filho Clinton, socorrido na nossa instituição após o acidente.

Alguns sacerdotes budistas, tendo seguido o Curso Bíblico da Rádio Postal, em Ceilão, pediram o baptismo.

Estatística interessante

Publicamos obras religiosas, médicas e educativas em 195 línguas. A nossa mensagem é pregada em 722 línguas. Trabalhamos em 197 países, dos 230 conhecidos. Nos nossos quase 200 hospitais trabalham 9.000 médicos, enfermeiros e outros empregados, que em 1953 trataram 2.185.430 doentes. Temos dis-

pensários flutuantes na América do Sul e no Pacífico, e empregamos aviões para transportar os doentes das florestas impenetráveis. Mantemos 8.871 estabelecimentos escolares, de todas as categorias. O número dos nossos membros ultrapassava em 1954 a casa de 1.200.000 repartidos em 12.000 igrejas e 6.000 grupos.

Os Missionários Voluntários de Áustria

As doze sociedades de jovens de Viena, porque nesta cidade há várias igrejas, escolheram cada uma um bairro da capital e deram-lhe o nome de uma das nossas missões em África: Madagáscar, Angola, Camarão, etc. Todos os sábados os nossos corajosos missionários voluntários partem para o seu «campo missionário» e distribuem impressos e convites para reuniões nos lares. Os M. V. de Innsbruck organizaram mesmo conferências que, apesar das dificuldades criadas pela polícia local, foram bem frequentadas. Em Wels, também a polícia procurou impedir as nossas conferências públicas, mas isso não desanimou os nossos M. V.

Carta de um colporteur

Eis o que nos escreve um dos nossos colportores:

«O último dia do mês passado, tendo eu atingido e mesmo ultrapassado o meu objectivo de vendas, resolvi vender somente livros religiosos durante esse dia e «Vida e Saúde».

«Em Saint-Raphael, um doutor comprou-me o «Desejado de Todas as Nações», dizendo: «Compro-o porque não é caro». Os hotéis também mo compraram bem como assinaram a revista «Vida e Saúde». A certa altura, quando examinava os prédios para ver as que estavam fechadas e não tocar a essas portas, um cavalleiro que ia subir para o seu carro pergun-

TUDO, MENOS VIVÊ-LA

«Eles fizeram tudo menos vivê-la», foi o comentário que a minha amiga me fez. Estávamos falando acerca da filha de uma amiga que acabava de anunciar que ia casar com um jovem estranho à nossa fé. A atitude da jovem, o seu vestuário, os seus planos para o futuro, mostravam que ela se estava apartando rapidamente da nossa igreja.

No entanto ela tinha frequentado a nossa escola de igreja ano após ano. Ela tinha frequentado

a Escola Sabatina todas as semanas desde criança. Eu tinha-a visto no acto da graduação do seu curso secundário, com os olhos cheios de sonhos de uma nobre vida. Os seus pais enviaram-na depois a um colégio superior adventista. Nenhumas despesas eram demasiadas para a sua educação cristã. A sua amabilidade e encanto tornaram-na uma dirigente nas actividades académicas do colégio. A menina era altamente recomendada pela direcção da escola e foi aceita numa

das nossas escolas de preparação de enfermeiras. E então anunciou para casa que ia casar com o filho de um vizinho.

Os seus pais ficaram acabrunhados com a notícia. «Queríamos que ela casasse com um rapaz adventista», disseram eles, «ainda que fosse pobre. Enviámo-la a escolas adventistas e à igreja adventista. Comprámos-lhe livros adventistas e deixámo-la ir a acampamentos de M. V. adventistas no Verão. Como pôde isto suceder?»

Não precisavam de ir procurar muito longe o motivo — ele encontrava-se nas suas próprias vidas e na sua própria casa. O pai nunca ia à igreja, e a mãe, sim, ela ia, mas era tudo. A filha era levada com os pais aos cinemas. A mãe fazia para a filha os mesmos lindos vestidos à última moda como para si mesma. As conversas e interesses do lar eram mundanos. A jovem está contente por poder ter um lar como o lar dos seus pais. Porque não?

Sim, eles fizeram tudo por ela excepto viver eles próprios a sua religião.

Uma Mãe

tou-me muito amavelmente se me poderia ser útil, pois parecia-lhe que eu procurava um endereço. Mas a verdade é que era o Senhor que o procurava. Depois de uma breve conversa, este senhor comprou-me vários livros, rogando-me que me não esquecesse dele quando de novo visitasse aquela região. Nesse dia coloquei muitos livros e vi verdadeiramente que o Senhor estava comigo. — *L. Stratta.*

Inscrições no Curso Bíblico por Correspondência

Um dos nossos irmãos, Pastor G. A. W. Meyer, escreveu ao Redactor do «Eastern Province Herald», de Porto Elisabeth, África do Sul, para a publicação de um anúncio relativo ao Curso de Bíblia de 40 lições em 6 línguas. O Redactor publicou o referido anúncio nas Notícias. A revista «Sunday Times», por sua vez, também o publicou sob a mesma rubrica. Este anúncio foi difundido pela rádio, por uma importante estação da África do Sul. O «Bantu World», jornal de indígenas, escreveu ao Ir. Meyer a fim de lhe pedir pormenores e oferecer-lhe a sua colaboração em vista da publicação deste curso na língua da região. Ele fez também aparecer este anúncio sob a forma de notícia e como resultado 600 pessoas pediram para se inscrever.

Apelos de uma criança com fé

A nossa filha mais nova nasceu e criou-se na cidade de Nova Iorque, e porque o meu marido não era nessa altura um observador do Sábado, ela vigiava cuidadosamente as suas actividades. Uma noite, enquanto ele assistia a um jantar de cerimónia, a nossa pequenina de 5 anos recusou ir dormir, até que ele viesse e ela lhe perguntasse o que tinha comido.

Tão depressa ouviu passos em casa, ela perguntou-lhe: «Comeu carne de porco?» — «Sim», foi a resposta.» Então chorando amargamente na sua cama, ela exclamou: «Não pode ir para o Céu!» Desde essa altura meu marido nunca mais tocou em carne de porco.

Outra ocasião, ele saiu e só voltou muito tarde. Precisamente nessa noite, a nossa filhinha não pôde dormir. Assim que o sentiu entrar perguntou-lhe: «Aonde foi?» Ele disse-lhe que tinha ido ao cinema. Então ela chorou angustiadamente e disse: «Não pode ir para o Céu!»

Isto foi suficiente para ele. Rompeu com os seus maus costumes e conseqüentemente aceitou muito facilmente esta mensagem.

Agora ele regozija-se na verdade. — *Lúcia Kim.*

Emissões Religiosas

Todas as quintas-feiras, às 22,25 horas, Rádio África-Mahgreb, de Tânger, transmite a Mensagem, na banda dos 321 metros.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

Este número foi visado pela

Comissão de Censura

Página da

Juventude

**O esforço contínuo aumenta a força**

«Ponde a máxima energia em vosso esforço. Chamai em vosso auxílio as mais poderosas razões. Estais aprendendo. Esforçai-vos por ir ao fundo de tudo em que puserdes a mão. Nunca tomeis como objectivo menos que tornar-vos competentes nos assuntos em que vos ocupais. Não vos deixeis cair no hábito de ser superficiais e negligentes em vossos deveres e estudos; pois os hábitos se robustecerão e vos tornareis incapazes de fazer qualquer coisa melhor. O espírito aprende naturalmente a satisfazer-se com o que exige menos cuidado e esforço, e ficar contente com alguma coisa ordinária e inferior. Rapazes e meninas, existem profundidades de conhecimento que jamais sondastes, e ficais satisfeitos e orgulhosos com as consecuições superficiais que atingis. Se soubesseis muito mais do que sabeis, convencer-vos-íeis de que sabeis bem pouco.

«Deus requer de vós rigorosos e diligentes esforços intelectuais, e a cada esforço determinado, for-

«O Mundo há-de ser convencido, não pelo que o púlpito ensina, mas pelo que a igreja pratica. O ministro, no púlpito anuncia a teoria do evangelho; a piedade prática da igreja demonstra o seu poder». (Testemunhos Selectos).

talecereis as vossas faculdades. A vossa obra será então sempre aprazível, porque sabereis que estais progredindo. Tanto vos é possível habituar-vos com movimentos vagarosos, incertos, irresolutos, de modo que a obra da vossa vida não seja metade do que poderia ser, como, olhos fixos em Deus, a alma fortalecida pela oração, vencer uma desonrosa lentidão e desgosto pelo trabalho, exercitar a mente em pensar com rapidez e envidar vigorosos esforços no tempo oportuno.» — E. G. White, Manuscrito 24, 1887.

V Acampamento Nacional dos M. V.

Como foi anunciado no número de Janeiro, o Quinto Acampamento Nacional dos M. V., para jovens dos 10 aos 30 anos, realizar-se-á em Tomar, de 20 a 29 de Agosto.

O preço será o mesmo do ano passado, ou seja, 100\$00. Cada participante receberá um auxílio de viagem, desde que o custo da mesma exceda 40\$00, e que tome parte desde o início até ao fim do acampamento.

Podemos desde já anunciar a

boa notícia de que este ano estará connosco o Pastor J. A. Aitken, secretário do Departamento dos M. V. da Divisão Sul-Europeia.

Vai sendo tempo de se efectuarem as inscrições, cujo prazo termina, impreterivelmente, em 31 de Julho.

Casamento de jovens adventistas no Porto

No passado dia 3 de Junho teve lugar, no Porto, o casamento dos jovens Dário de Oliveira Furtado com Maria de Lourdes Lopes, e Alfredo Edmundo Lopes com Maria Arminda de Melo.

A cerimónia religiosa foi celebrada simultaneamente no nosso templo. O facto de se tratar de quatro jovens activos da Sociedade dos M. V., fez revestir essa cerimónia de interesse especial.

Aos dois casais recém-constituídos desejamos as maiores bênçãos.

EMISSÕES EM ANGOLA

A Mensagem Adventista, é, todas as semanas, irradiada através da EMISORA DE BENGUELA, nas segundas feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta

UM SOLENE CONVITE

Quando eu dirigia, como professor, a escola primária na Misão de Luz (Lunda, Posto do Dala), ia uma vez por outra a Saurimo (sede do Distrito) em serviço missionário e costumava hospedar-me em casa dum amigo, que era funcionário público, que sempre me recebia com prazer.

Nunca tínhamos falado sobre fé. Decorreram uns três anos, sem nos vermos, quando soube que este amigo se encontrava no Hospital Central gravemente enfermo. Logo que pude, fui visitá-lo; assim que me viu mostrou-se muito grato e disse-me: «Já estavas tardando, amigo Oliveira; julguei que não te tornasse mais a ver. Não tenho, por assim dizer, medo de morrer, mas desejava morrer em paz. Haverá na tua fé alguma esperança para mim?» Há sim — respondi —, se não poderes ler, escuta. «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas». S. Mat. 11:28-29. Deves aceitar este convite de todo o teu coração; em oração diz ao Senhor Jesus, o Filho de Deus, aquilo que sentes, Ele cumprirá, sem demora, a sua promessa. Este amigo faleceu nesse mesmo dia à noite, com uma expressão de alívio e cheio de esperança.

Outra experiência quase idêntica. De passagem pelo Lobito, onde tinha que esperar transporte para Luanda, fui obrigado pelas circunstâncias a aceitar a hospedagem dum rapaz, conhecido na ocasião, onde fiquei quase duas semanas.

Passado pouco mais de um ano, estava nessa ocasião em Luanda, no gozo das minhas férias, sou procurado por um servente do Hospital, dizendo-me que se encontrava no pavilhão dos tuberculosos um doente que me desejava falar. Fui ver quem era. Lá estava o rapaz conhecido no Lo-

bito, que havia um ano me tinha oferecido gentilmente os seus aposentos, para que eu não fosse para um hotel. Teve comigo uma comovente desabafo. Ele esperava de mim um conforto, um alívio, que na verdade eu não lhe podia dar; o mais triste é que se tratava dum rapaz dos seus 24 anos de idade. Procurei S. Mat. 11:28-29, que ele leu. Isto é um convite para ti. Aceita-o sem reservas; em oração, responde ao Filho de Deus — mas ele não sabia orar, pois nunca o fez, durante a sua vida —. Ensinai-o a orar. Tens agora que esqueceres ao teu pai, pedindo-lhe perdão de tudo (estava de relações cortadas com o pai); neste ponto ele hesitou um pouco — não porque lhe faltasse vontade, mas receava que o pai não lhe perdoasse — mas depois pediu papel e um envelope e escreveu. Daí a uma semana tinha a resposta do pai. Não só lhe perdoou tudo, como até lhe enviou dinheiro para qualquer despesa, e uma ordem

para a Direcção do Hospital, responsabilizando-se por todas as despesas, incluindo a do funeral. O pai deste mancebo ainda hoje é um abastado comerciante em Nova Lisboa. Quando este mancebo soube de tudo isto: o perdão do pai, o dinheiro na banca enviado pelo pai, novos cuidados e atenções no hospital — não quis apertar-me a mão, receando transmitir-me a sua doença, apertou as suas próprias mãos, comovidamente agradecido e alegre pelo alívio e descanso em que se encontrava. Faleceu poucos dias depois. Tudo isto está passado, o mais importante de tudo é que estes dois amigos tenham parte na 1.^a ressurreição. Apo. 20:6: «Bemaventurado o santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos.»

A. S. Oliveira

LUZ SOBRE O AMAZONAS

Por M. Carol Hetzell

O silêncio que reinava era tão opressivo como o ar húmido e sufocante que envolvia esta pequena aldeia das margens do Amazonas. Ele parecia deserto, abandonado pelos seus habitantes. Todavia algumas cabanas tinham indícios de serem habitadas: perto de uma fogueira um fogo e utensílios de cozinha encontravam-se ao lado. Lá em baixo, um cão que estava à escuta ladrou de repente e desapareceu na floresta.

Nesta altura apareceu Leo B. Halliwell, tendo na cabeça o seu soberbo boné de capitão de navio. Avançou entre as cabanas, parou

Vinte e cinco anos de serviço missionário sobre o maior rio do Mundo

pensativamente e fixou o sítio por onde o cão acabava de desaparecer. Esperou um momento, encolheu os ombros e retomou o caminho da ribeira onde estava ancorado, a pequena distância da praia, um barco todo branco. Subiu para a canoasinha que lá estava atracada e interpelou a sua esposa que se encontrava na coberta do navio. «Jessie, gritou-lhe ele, creio que vamos ser obrigados a empregar ainda uma nova táctica. Poderias extrair-me o gramofone bem como alguns discos do nosso monte de bagagens?» Felizmente que o

gramofone era um dos objectos que Jessie encontrava mais facilmente. Desceu à cabina cheia de caixas e pacotes empilhados, confusamente. Tinham partido para um cruzeiro de vários meses no Amazonas com o «Luzeiro», do qual era esta a sua primeira viagem. Lentamente eles subiam o rio. Graças ao gramofone as horas passavam menos monótonas nessas calmas águas; elle lembrava-lhes as velhas árias do Nebraska onde tinham nascido. O instrumento era para eles como um pedaço da pátria longínqua.

A canoa de Leo tinha tocado o casco do navio e já Jessie emergia da cabina com o gramofone.

— A aldeia está abandonada? perguntou ella.

— Por ora sim, respondeu elle, mas tenho a certeza que os índios não estão longe; escondem-se na floresta e observam-nos. Penso que a sua curiosidade o fará sair do seu esconderijo e que virão ver donde sai a música.

«— Esperemos que seja como amigos que eles saiam da floresta e que serão amáveis», observou Jessie indo juntar-se a seu marido na canoa com os discos e o gramofone.

Chegados à margem os Halliwell dão corda ao instrumento e põem-no a funcionar. Imediatamente uma alegre e sonora música rompe em toda a selva fazendo vibrar as próprias plantas da mesma. Do alto duma árvore um papagaio debruça a sua grande cabeça para ouvir melhor.

Alguns minutos passam sem que algo se produza. Esta música alegre soa estranhamente nesta aldeia ameaçadora. De repente viu mecher um ramo, depois uma cara curiosa de índio appareceu prudentemente entre a verdura. Tranquilizado e orgulhoso do seu êxito Leo sorria a sua mulher.

Tinham demorado, mas agora eram em multidão e atropelavam-se em volta do gramofone. Leo foi mudar de disco e uma voz de homem clara e vibrante fez-se ouvir... O efeito esperado foi obtido. Os indígenas tomados de pânico come-

çaram a fugir em todas as direcções.

Pouco a pouco reapareceram. Uma nova dificuldade surgiu então. O chefe da aldeia queria ver a cabeça do homem que cantava na caixa. Seguiu-se uma série de explicações entre Leo e elle numa linguagem estranha e da qual o único resultado apreciável foi que os Hallewell começaram a ganhar a confiança dos índios.

Não faltava nesta aldeia quem tivesse necessidade de cuidados médicos e por isso a Senhora Halliwell teve imenso que fazer. Não pensava ella então que inaugurava uma longa carreira de 25 anos de cuidados a doentes no Amazonas e seus afluentes — 25 anos a viver entre estas tribos primitivas e hostis, fazendo face em todas as estações às correntes enganosas do maior rio do Mundo. Havia também o perigo das serpentes venenosas, da boa de corpo musculoso que asfixia e esmaga, dos peixes vorazes que reduzem em alguns minutos um homem ao estado de esqueleto. Enfim, ella mesma não ficou isenta desse terrível mal que se esforçava por combater nos outros: o paludismo.

Decerto que elles não viveram uma vida muito confortável. Mas foi uma vida fecunda e feliz porque elles tinham a satisfação de ter prestado serviço aos seus semelhantes. Este primeiro barco missionário, o «Luzeiro» conta hoje oito «irmãos». Esta frota, cujas equipagens são idênticamente formadas de uma família missionária, divide-se sobre as quarenta milhas de águas navegáveis do Amazonas e seu afluentes. Estes barquinhos são ainda mais importantes porque são os únicos meios de comunicação nesta região em que vivem mais de 2 milhões de índios que necessitam de socorro.

Foram fundadas escolas para iniciar os indígenas numa vida melhor. A Palavra de Deus foi pregada a essa gente que só conhece o culto dos espiritos. Em Belém, na foz do Amazonas, funciona um hospital com capacidade para 40 leitos, destinado aos doentes que os nossos missionários não

conseguem curar quando da sua passagem pela região deles.

Hoje, os Halliwell sobem ainda o rio. Têm um barco novo, o «Luzeiro II». À medida que vão avançando, sinais e apelos são-lhes feitos e dirigidos das margens. O sinal mais frequentemente empregado consiste num ramo de árvore ou numa folha de palmeira que alguém agita freneticamente. Acosta-se; um guia espera e conduz os missionários à aldeia onde elles encontram por vezes uma tribo quase inteira, prostrada pela febre. Reuniram todos os doentes numa grande cabana. Do pilar central, que sustém o telhado, partem uma vintena de redes servindo de leito, e cuja outra extremidade fixam no chão ou em troncos de árvores. Os doentes que occupam esta espécie de macas têm por vezes tais arrepios que toda a cabana é sacudida.

Injecções de quinino e de azul de metilene são feitas em série, depois deixa-se para os dias seguintes uma certa quantidade de comprimidos de quinino que permitirá retardar o mal.

Um dia, conduziram-nos a uma aldeia na qual em quase todas as famílias se encontrava um ou vários membros doentes; um certo número de mortes já se tinha registado. Depois de terem prodigalizado os cuidados habituais aos doentes, os Halliwell iam-se embora quando, passando perto de uma cabana, viram cães disputando-se algo que cada um queria só para si. Aproximando-se, viram com horror que se tratava de carne humana. Entraram na choupana e encontraram ua menina de 10 anos que ardia em febre. Começaram por tratá-la. Em seguida ella disse aos nossos missionários que os seus pais e o seu irmão mais velho tinham morrido recentemente e que ella tinha experimentado enterrá-los mas, demasiado doente e sem forças, não tinha podido cavar muito profundamente... Os Halliwell não lhe falaram dos cães que tinham visto perto da cabana.

Anualmente, milhões de doentes são tratados deste modo e 80.000 e 100.000 comprimidos de quinino são distribuídos.

Infelizmente, não é somente o paludismo que dizima os indígenas. Há também o crocodilo, terror dos indígenas. Um dia os nossos missionários encontraram uma pobre mulher que só tinha uma perna. Eis a sua história. A sua cabana encontrava-se na proximidade do rio e quando havia enchente, as suas águas quase penetravam em casa. Um crocodilo, aproveitando a ausência da mãe, entrou na cabana, agarrou a criança que lá estava e preparou-se para levar a sua presa para o rio. Ouvindo os gritos da criança a mãe correu e impediu a passagem do raptor. Este largou a criança mas os seus dentes cravam-se na perna da mulher...

De todos os males que os Halliwell têm que combater diariamente, o mais terrível é a ignorância e a superstição destas populações primitivas. A maioria das práticas pagãs a que estão apegados prejudicam a saúde e algumas vezes levam à morte. Em certos recantos afastados os sacrifícios humanos fazem-se ainda. Recentemente os jornais sul-americanos falaram de um culto pagão praticado no interior do Brasil no qual se imolavam crianças. Os selvagens que participavam nestes ritos chamavam-se os «Adventistas da Promessa», nome que infelizmente se prestou a confusão; algumas pes-

soas que não conhecem os Adventistas do Sétimo Dia pensaram que se tratava deles, que todavia fazem tanto pela saúde e educação dos indígenas do Brasil. Os que tinham aprendido a apreciar o auxílio medical dispensado pelos barcos missionários adventistas, não se enganaram. Eles conhecem os Halliwell e os seus irmãos, ouviram-nos falar de um Deus amante, ficaram maravilhados com os belos hinos que os missionários cantavam. Sabem também reconhecer os grandes sacrifícios que fazem estes homens de Deus para vir-lhes em auxílio.

O Irmão e a Irmã Halliwell completam o seu 25.º ano de serviço missionário sobre o imenso Amazonas. É com profunda alegria que eles recolhem hoje como colheita a grande confiança que lhe testemunham estas populações primitivas.

A obra não terminou ainda sobre o «grande rio». Imensas regiões há em que ainda se não penetrou. Ser-se-ia quase tentado a desanimar vendo quão reduzido é o raio

de acção de um homem em face das necessidades imensas. E todavia já se fez muito: foram abertas escolas, hospitais organizados, aldeias inteiras testemunham uma mudança evidente, uma vida nova... São ós sinais de pista que autorizam a grandes esperanças. Para milhares de indígenas nas margens do Amazonas o roncar do motor do «Luzeiro II» é como um cântico de esperança no seio da noite.

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

Departamento de Publicações

da União Portuguesa

Relatório de vendas referente a Abril e Maio de 1956

«Os nissos ministros não devem gastar o seu tempo a trabalhar pelos que já aceitaram a verdade. Com o amor de Jesus a arder-lhes no coração devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a todas as águas devem eles lançar as sementes da verdade. Deve visitar-se um lugar após outro: estabelecer uma igreja após outra.» (Testemunhos Selectos).

Já adquiriu o maravilhoso livro da Irmã White «O Desejado de Todas as Nações?» É não só útil para si, mas também será uma valiosa oferta para fazer aos seus amigos.

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	426	7.280\$00	5.740\$00	13.020\$00
Anselmo Gorgulho	42	6.605\$00	730\$00	7.335\$00
Maria Luísa Serra	248	—\$—	5.700\$00	5.700\$00
Adelino Diogo	348	3.165\$00	1.445\$00	4.610\$00
António Aguiar	148	1.915\$00	1.350\$00	3.265\$00
Manuel Oliveira	213	2.660\$00	—\$—	2.660\$00
Isaías da Silva	117	2.010\$00	410\$00	2.420\$00
Missão da Madeira	297	1.756\$00	—\$—	1.756\$00
Afonso António	255	1.390\$00	—\$—	1.390\$00
Júlia Sanches	289	—\$—	860\$00	860\$00
Maria Resende	61	—\$—	758\$00	758\$00
Flora Saramago	37	—\$—	335\$00	335\$00
Diversos		—\$—	9.310\$00	9.310\$00
	2.481	26.781\$00	26.638\$00	53.419\$00

O Secretário de Publicações

Vitor Martínez

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR T. L. OSWALD — A caminho da Costa do Ouro, esteve entre nós, de 31 de Maio a 4 de Junho, o Pastor T. L. Oswald, secretário do Departamento da Missão Interior da Conferência Geral. A igreja de Lisboa teve o privilégio de ouvir as suas mensagens no Sábado e no Domingo.

DR. JEAN NUSSBAUM — Mais uma vez veio a Portugal o Dr. Jean Nussbaum, a fim de tratar de assuntos relacionados com o Departamento da Liberdade Religiosa. Esteve no nosso País de 13 a 16 de Junho, tendo dirigido o culto de Sábado, 16, na igreja de Lisboa.

PASTOR F. CHARPIOT — Por ocasião do Curso para Colportores, esteve connosco o Pastor F. Charpiot, de 18 a 25 de Junho. Além das instruções dadas aos colportores que assistiram ao dito curso, dirigiu também a palavra, no dia 19, à igreja de Portalegre, e nos dias 23 e 24 à igreja de Lisboa.

PASTOR ARMANDO CASACA e ANTONIO ALEXANDRE VALENTE — No dia 27 de Junho, depois de umas merecidas férias, parte das quais passadas em Collonges, embarcaram para Angola, acompanhados de suas estimadas Famílias, os Irs. Pastor Armando Casaca e António Alexandre Valente. Agradecendo a boa cooperação que nos prestaram durante a sua estadia entre nós, desejamos-lhe as maiores bênçãos nas suas actividades dentro da União Angolana.

UNIÃO PORTUGUESA

Lisboa

19 de Maio — Este Sábado foi duplamente feliz para a Igreja de Lisboa. Na manhã deste santo dia do Senhor, anunciávamos à Igreja o fim da «Campanha das Missões» deste ano. O alvo de 35 mil escudos fora atingido e ultrapassado.

No Sábado seguinte, de tarde, tivemos uma reunião missionária, durante a qual pudemos ouvir muitas e belas experiências que os nossos Irmãos colheram no trabalho da «campanha».

Toda a Igreja manifestou um bom espírito missionário. Os jovens, com o seu dinamismo e boa

vontade, conseguiram alcançar um terço do objectivo!

Servindo-nos da «Revista Adventista», agradecemos, mais uma vez, reconhecidamente, a todos os Irmãos e interessados, aos de mais idade, como aos mais novos, o seu esforço e boa vontade.

★

Na tarde deste memorável dia do Senhor, tivemos a alegria de assistir a mais uma cerimónia baptismal. Desta vez, a nossa alegria foi maior. Ao mesmo tempo que a Igreja recebeu, com grande regozijo, no seu seio, nove preciosas almas, viu também surgir das águas baptismas os primeiros cinco «netinhos», filhos da nova Igreja de Alvalade que se formou há, precisamente, um ano!

Foi convidado a presidir à cerimónia o Pastor Manuel Leal que dirige esta Igreja.

Possa Deus abençoar todo o esforço que é feito em prol das almas que jazem nas trevas do pecado e muitas sejam as que encontrem o redil do bom Pastor.

Juvenal Gomes

Setúbal

*Na obra missionária... fa-
zei que vossa luz esparja tão
luminosos raios, que no juízo,
homem algum se possa erguer
e dizer: Porque não me fa-
laste acerca da Verdade?»*

E. White — S. Cristão, pág.
99

Nenhum ramo da nossa obra é de tão grande alcance, para atingir aqueles que não nos conhecem, como a Campanha das Missões! Além dos donativos angariados para fomentar o nosso trabalho nas nossas Missões a Campanha é um meio, nas mãos dos crentes, para testemunharem da Verdade Presente. Quantas oportunidades e tão preciosas Deus nos dá nesse trabalho.

Para mostrar a veracidade do que acima fica dito, passo a relatar a seguinte experiência.

Estando duas Irmãs nossas na Campanha, abordaram um senhor advogado ao qual lhe apresentaram a revista. Mal tinham come-

çado a falar, quando foram interrompidas pelo advogado que disse:

— Desculpe, minha senhora. Dantes dava muito para as missões. Fiz tudo quanto podia e... desde que estive em Angola e vi como as missões... (omite-se aqui o nome dessas missões) trabalhavam, perdi toda a vontade de contribuir...

— Mas...

— Desculpe! Nem um tostão!

— Mas V. Ex.^a, por certo, não visitou as missões adventistas. A nossa obra é apreciada pelo muito que tem feito. Foi pena não conhecer o nosso hospital e o doutor Parson...

— Perdão! Isto é adventista? Ouvi falar da vossa obra médica e do Dr. Parson como um dos maiores médicos de Angola! Assim é com prazer que contribuo com um donativo...

Eis aqui as diversas oportunidades que nos oferece a Campanha das Missões:

- 1.º Leva o conhecimento da nossa obra aos lares.
- 2.º Oferece uma oportunidade de se falar com as almas.
- 3.º Consegue-se testemunhos favoráveis à nossa causa.
- 4.º Encontra-se um amigo.
- 5.º Consegue-se um donativo.

Tudo isto as nossas Irmãs teriam perdido se não fossem persistentes. Que Deus ajude todo aquele que neste bendito trabalho «insta a tempo e fora de tempo». Que o Espírito do Senhor os ajude a testemunhar da fé que uma vez foi dada aos santos.

Setúbal, Maio 1956.

A. Miranda

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Lisboa

No dia 11 de Maio, cumprimos o doloroso dever de acompanhar à sua última morada na terra, o nosso prezado Irmão Fernando Raposo, que foi, durante uns 40 anos, membro fiel da nossa Igreja.

De novo, apresentamos as nossas condolências às Irmãs Alda Raposo, Dr.^a Rosa Raposo e aos Irmãos Pastor Alberto Raposo e Arnaldo Raposo.

Juvenal Gomes